

RALPH P. MARTIN



ADORAÇÃO NA IGREJA PRIMITIVA

2.ª edição revisada


VIDA NOVA

Quando pela primeira vez me deparei com essa fantástica obra do dr. Ralph P. Martin, fazia uma pesquisa sobre a importância da adoração na igreja de nossos dias. Muito se escreveu ou se traduziu sobre o assunto nos últimos anos. Poucas obras, porém, no meu entender, são tão informativas e resumidamente completas quanto Adoração na igreja primitiva.

Tendo em vista a importância do assunto para a vida da igreja — já que o culto reflete nossa compreensão sobre o Deus que se revela a seu povo e com ele interage —, cumpre ressaltar que a busca pela adoração em espírito e em verdade passa pela compreensão de que Deus “... não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras” (Confissão de fé de Westminster, cap. XXI).

Agora em nova edição, essa obra trará subsídios elucidativos a todos os interessados em estudar os temas relacionados à teologia do culto, com informações valiosas sobre como adoravam os primeiros cristãos. Sem falar da grande contribuição que ela trará à academia, tão necessitada de mais elementos confiáveis que promovam a reflexão sobre assuntos tão importantes quanto a “adoração na igreja primitiva”.

MARCOS ANDRÉ MARQUES, ministro presbiteriano e diretor do Seminário Presbiteriano do Norte (em Recife), onde também é coordenador do departamento de Teologia Sistemática e professor de Teologia do Culto.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| <i>Prefácio à edição revista de 1974</i> | 7 |
| <i>Introdução</i> | 13 |
| 1. A igreja – uma comunidade em adoração..... | 15 |
| 2. A herança judaica no templo e na sinagoga | 27 |
| 3. As orações e os louvores do Novo Testamento | 39 |
| 4. Hinos e cânticos espirituais | 53 |
| 5. “O modelo das sãs palavras” — os primeiros credos e confissões de fé | 71 |
| 6. O ministério da Palavra | 87 |
| 7. “Quanto à coleta...” — a mordomia cristã | 101 |
| 8. Os sacramentos do Evangelho — o batismo no ensino de Jesus..... | 113 |
| 9. A prática apostólica do batismo | 126 |
| 10. A ceia no Cenáculo — antecedentes e relevância..... | 141 |
| 11. A ceia do Senhor na igreja primitiva | 152 |
| 12. Desenvolvimentos posteriores na adoração cristã | 164 |

PREFÁCIO À EDIÇÃO REVISTA DE 1974

Faz pouco mais de dez anos¹ que foi lançada a primeira edição deste livro, publicada na ocasião pela editora Fleming H. Revell. Essa edição foi na verdade o desenvolvimento de artigos semanais escritos para um periódico britânico. A origem do livro explica as referências bibliográficas no rodapé a editoras e edições do Reino Unido. A sugestão de que o livro fosse novamente publicado serviu de oportunidade para o autor atualizar as referências bibliográficas. Embora infelizmente não fosse possível revisar o texto (a não ser para corrigir alguns erros tipográficos), o autor teve o prazer de mencionar vários estudos de destaque lançados nos mais de dez anos seguintes à primeira edição.

O interesse pela adoração cristã não diminuiu nesses dez anos subsequentes, e houve contribuições notáveis no campo dos estudos neotestamentários e patrísticos, bem como na área da teologia sistemática² e estudos litúrgicos, tanto teóricos quanto práticos. Um exemplo desses estudos litúrgicos é a coletânea de ensaios das tradições católica e reformada intitulada *Liturgical renewal in the Christian churches* [*Renovação litúrgica nas igrejas cristãs*], organizada por M. J. Taylor.³

¹Em 2012, data desta segunda edição em português, é transcorrido já quase meio século. (N. do E.)

²*Worship in the name of Jesus* [*Adoração em nome de Jesus*] (St. Louis: Concordia, 1968), de Peter Brunner, pode ser citado como exemplo de tratamento aprofundado da perspectiva da teologia luterana.

³Baltimore: Helicon, 1967.

A natureza da adoração cristã foi rigorosamente investigada, sobretudo por aqueles que consideraram inaceitáveis ao homem secular as formas tradicionais de adoração (bem como a teologia por trás dessas formas). Em especial, o conceito do numinoso foi atacado, notadamente por J. G. Davies em *Every day God*,⁴ além de em *The concept of worship* [O conceito da adoração]⁵ N. T. Smart ter questionado a propriedade do termo, questionamento este feito em nome da filosofia da religião e do estudo das religiões comparadas. Num campo mais amplo, a adoração e a secularização foram discutidas em *Studia Liturgica*,⁶ com uma contribuição importante de Charles Davis.

Uma rápida consulta em *The worship of the early church* [A adoração da igreja primitiva], de Ferdinand Hahn,⁷ mostrará que está repleto de fontes bibliográficas. A obra tenta de forma notável rastrear os padrões neotestamentários de adoração segundo seu desenvolvimento.

Para os antecedentes veterotestamentários do culto e das festas de Israel, agora temos a tradução para o inglês do livro de H. J. Kraus,⁸ publicado com o título *Worship in Israel* [Adoração em Israel].⁹ Cumpre também mencionar o excelente estudo de H. H. Rowley *Worship in ancient Israel* [A adoração no Israel antigo].¹⁰

As orações dos cristãos primitivos foram analisadas de forma proveitosa por E. D. Coggan, Arcebispo de Cantuária, em seu livro *The prayers of the New Testament* [As orações do Novo Testamento].¹¹ De viés mais técnico, G. P. Wiles, em *Paul's intercessory prayers* [As orações intercessórias de Paulo],¹² oferece um exame pormenorizado

⁴London: scm, 1973.

⁵London/New York: Macmillan/St. Martin's Press, 1972.

⁶V. 7, 1970.

⁷Philadelphia: Fortress, 1973.

⁸Sobre este autor, v., mais adiante, no "capítulo 1", p. 18.

⁹Richmond: John Knox, 1966.

¹⁰London: SPCK, 1967.

¹¹Washington: Corpus, 1968.

¹²Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

da linguagem de oração de Paulo quanto a forma e conteúdo. O mesmo pode ser dito em relação ao livro de P. T. O'Brien *Pauline thanksgivings* [*As ações de graças paulinas*].

Desde 1964, tem havido vários tratamentos importantes dos hinos do Novo Testamento. *Gotteshymnus und Christushymnus in der frühen Christenheit*,¹³ de R. Deichgräber, e *The New Testament Christological hymns*,¹⁴ de J. T. Sanders, estão entre os que lideram esse campo de estudos. O estudo sobre Filipenses 2.5-11 mencionado mais adiante, no capítulo 12 (p. 165), foi publicado em 1967 como número 4 da série de monografias da Society for New Testament Studies. Entre os trabalhos mais representativos sobre passagens hínicas específicas do Novo Testamento estão o de C. F. D. Moule, sobre Filipenses 2, e o de R. H. Gundry, sobre 1 Timóteo 3.16. Esses dois ensaios estão disponíveis no *Festschrift* em homenagem a F. F. Bruce *Apostolic history and the gospel* [*A história apostólica e o evangelho*].¹⁵ Já o comentário mais recente de J. F. Collange sobre Filipenses, que faz parte da coleção *Commentaire du Nouveau Testament*,¹⁶ contém um tratamento completo do hino cristológico dessa epístola, e, em minha edição do comentário da *New Century Bible* sobre Colossenses,¹⁷ encontra-se um relato sobre o modo mais recente de entender Colossenses 1.15-20.

O livro-texto padrão sobre credos e confissões dos primeiros séculos é *Early Christian creeds* [*Os credos dos cristãos primitivos*], de J. N. D. Kelly, agora na terceira edição.¹⁸

Sobre o batismo no cristianismo primitivo, agora temos a versão em inglês do excelente tratamento de R. Schnackenburg *Baptism in the thought of St. Paul* [*Batismo no pensamento de Paulo*],¹⁹ que pode ser considerado, juntamente com a obra repu-

¹³Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1967.

¹⁴Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

¹⁵Grand Rapids: Eerdmans, 1970.

¹⁶S.l.: s.e., 1975, p. 74-97.

¹⁷S.l.: Attic, 1974.

¹⁸New York: MacKay, 1972.

¹⁹New York: Herder and Herder, 1964.

blicada de G. R. Beasley-Murray *Baptism in the New Testament*,²⁰ uma das exposições modernas definitivas do tema. O ensaio de G. Wagner (mencionado mais adiante, no cap. 9, p. 134) foi traduzido para o inglês com o título *Pauline baptism and the pagan mysteries*.²¹ Em *Forbid them not* [Não os impeçam],²² R. R. Osborn escreve em defesa do batismo geral, i.e, a prontidão em batizar a todos — especialmente os recém-nascidos — que são trazidos para o rito. O ponto de vista “batista” é reafirmado em *New Testament baptism*, de J. K. Howard.²³ O livro de J. D. G. Dunn *Baptism in the Holy Spirit* [Batismo no Espírito Santo]²⁴ é um tratado importante que cobre o ensino neotestamentário sobre o Espírito Santo em relação ao batismo de iniciação e os dons do Espírito na vida e na adoração da igreja.

As origens da refeição sacramental da igreja são ainda um problema para o intérprete erudito. As questões relacionadas à crítica da forma e à crítica da redação no que diz respeito às narrativas dos Evangelhos destacam-se em estudos recentes, como, por exemplo, *The Lord's supper according to the New Testament* [A ceia do Senhor de acordo com o Novo Testamento], de E. Schweizer²⁵ e *The Lord's Supper as a Christological problem* [A ceia do Senhor como problema cristológico], de W. Marxsen.²⁶ A abordagem adotada neste último livro, a qual leva em consideração a história das tradições, lança nova luz sobre o desenvolvimento da teologia e da prática eucarísticas, mas não está livre da acusação de especulação. *Eucharist and eschatology*, de G. Wainwright,²⁷ abre novas perspectivas com uma investigação completa dos aspectos escatológicos da ceia do Senhor.

²⁰Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

²¹Edinburgh, London: Oliver and Boyd, 1967.

²²London: SPCK, 1967.

²³London: Pickering and Inglis, 1972.

²⁴Naperville: Allenson, 1970.

²⁵Philadelphia: Fortress, 1967.

²⁶Philadelphia: Fortress, 1970.

²⁷London: Epworth, 1971.

A possibilidade de traçar uma linha de desenvolvimento (que agora chamamos de trajetória) dentro do período neotestamentário da vida da igreja foi levantada pela primeira vez por J. M. Robinson (conforme a referência mais adiante, no cap. 12, p. 170). Seu ensaio foi agora publicado em alemão, em *Apophoreta*, um *Festschrift* em homenagem a E. Haenchen,²⁸ com o título: “Die Hodajot-Formel in Gebet und Hymnus des Frühchristentums”. O valioso ensaio de E. Schweizer (também referenciado, no cap. 12, p. 170) é mais facilmente acessível no volume que faz uma coletânea de suas obras *Neotestamentica: German and English Essays 1951-1963*.²⁹

Estudos especiais relacionados ao tema da adoração cristã primitiva são fornecidos por W. Rordorf, cujo livro (mencionado mais adiante, no cap. 11, p. 154) foi publicado em inglês com o título: *Sunday: the history of the day of rest and worship in the earliest centuries of the Christian church* [*Domingo: a história do dia de descanso e da adoração nos primeiros séculos da igreja cristã*],³⁰ e por P. K. Jewett, em *The Lord's day* [*O dia do Senhor*],³¹ que oferece um tratamento popular do domingo. Estudos sobre a celebração da Páscoa na igreja primitiva acham-se em *Passa und Ostern*, de W. Huber.³² A série *Traditio christiana* contém citações muito úteis de dados bíblicos, pós-apostólicos, patrísticos e conciliares relacionados ao sábado e ao domingo em *Sabbat et dimanche dans l'église ancienne*, organizado por W. Rordorf.³³

Por último, a relevância da adoração na igreja hoje está recebendo atenção. Podemos citar, como exemplo, *Worship and mission* [*Culto e missão*], de J. G. Davies,³⁴ *Leave it to the Spirit* [*Entregue ao*

²⁸Berlin: Topelmann, 1964.

²⁹Zürich: Zwingli, 1963.

³⁰S.l.: Westminster, 1968.

³¹Grand Rapids: Eerdmans, 1971.

³²Berlin: Töpelmann, 1969.

³³S.l.: Delachaux e Niestlé, 1972.

³⁴S.l.: Association, 1967. [Edição em português: *Culto e missão*, trad. Luiz Marcos Sander, Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1977.]

Espírito], de J. Killinger,³⁵ e *New forms of worship* [*Novas formas de adoração*], de J. F. White.³⁶ Três livros terão valor especial para pastores interessados em obter uma maior compreensão sobre como aplicar a teologia da adoração: *Worship: its theology and practice* [*Culto: teologia e prática*], de J. J. von Allmen,³⁷ *The reformation of our worship* [*A reforma da nossa adoração*], de S. F. Winward,³⁸ e *The integrity of worship* [*A integridade da adoração*], de P. W. Hoon.³⁹ A última obra é especialmente oportuna ao insistir em que, em meio à experimentação e à prática da liturgia, não devemos perder de vista o caráter essencialmente teológico de nossa atividade de adoração. A pulsação de toda liturgia é sentida à medida que a igreja formula sua adoração como resposta a seu entendimento da ação de Deus em Jesus Cristo. “Se nosso pensamento a respeito da cristologia não estiver correto, poucas chances temos de que ele esteja correto em qualquer outra área” é uma frase muito repetida e que este autor também gostaria de utilizar para com ela mostrar suas convicções por ocasião do relançamento desta obra.

Ralph P. Martin
Fuller Theological Seminary,
Pasadena, Califórnia, 1975

³⁵New York: Harper and Row, 1971.

³⁶Nashville: Abingdon, 1971.

³⁷New York: OUP, 1965. [Edição em português: *O culto cristão*, São Paulo: ASTE, s.d.]

³⁸Richmond: John Knox, 1965.

³⁹Nashville: Abingdon, 1971.

INTRODUÇÃO

Alguns fatos de destaque no cenário religioso atual confirmam a impressão de que continua a haver um forte interesse pelo tema da adoração cristã. Entre esses fatos, podem ser mencionados: o Movimento de Reforma Litúrgica, a princípio uma preocupação católica romana do começo do século, mas que agora abrange um ambiente mais amplo, ecumênico; as experiências da comunidade monástica reformada em Taizé; nos Estados Unidos e em outros países, dentro da comunhão anglicana, o crescimento da “eucaristia da paróquia”, com seus objetivos de restaurar um culto dominical ideal mediante a participação da família e de fomentar (seguindo a antiga festa ágape) a comunhão cristã entre o povo da igreja; um despertar do interesse numa “ordem de culto” mais sistemática entre as igrejas não-litúrgicas; a criação e a introdução de novos livros de culto que reúnem em uma unidade abrangente muitas das tradições mais antigas, como a liturgia da Igreja do Sul da Índia; e a publicação de periódicos e livros (como a série *Ecumenical studies in worship* [*Estudos ecumênicos sobre a adoração*]) dedicados ao estudo de questões litúrgicas.

Por mais importantes que sejam esses aspectos, a primazia deve ser dada à crescente compreensão entre os cristãos da natureza da igreja como comunidade de adoração, chamada à existência pelo próprio Deus, não como instituição social ou lugar conveniente de encontro para aqueles que são congregados por interesses individuais e experiência religiosa individual, mas como o corpo de Cristo no mundo. A igreja de Jesus Cristo é, por definição, o povo de Deus, vocacionado por ele para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis por meio de Jesus Cristo e para proclamar as obras maravilhosas de sua graça (1Pe 2.5-9).

Como investigação preliminar a qualquer avaliação sobre os interesses e as tendências da atualidade, as páginas que se seguem (que são uma versão revista e expandida do curso de estudos bíblicos do semanário *The Life of Faith [A Vida de Fé]*) são oferecidas como introdução ao que o Novo Testamento ensina acerca dos princípios e práticas da adoração comunitária no cristianismo primitivo. Poucas tentativas são feitas para aplicar às necessidades diárias os resultados de nossa investigação, mas a esperança do autor é que este estudo bíblico transmita sua própria mensagem ao leitor interessado e que ele sirva para vivificar uma preocupação prática na vida e na adoração de nossas igrejas hoje.

As notas de rodapé que acompanham o texto visam a beneficiar aqueles que gostariam de se aprofundar no assunto, mas podem ser deixadas de lado se o leitor assim escolher. De ainda maior importância são as referências bíblicas, que fazem parte vital do propósito do autor ao escrever estes capítulos.

É um dever agradável para o autor revelar suas dívidas e reconhecer a ajuda recebida, ao escrever estas páginas, da parte de seus mentores, colegas e amigos do mundo dos estudos do Novo Testamento; o estímulo obtido no debate com seus estudantes; e, não menos importante, a paciência de sua esposa e família enquanto o livro estava sendo elaborado. A sua esposa, Lily, que leu o manuscrito, e a sua filha mais velha, Patrícia, que ajudou na compilação do “Índice”, o autor demonstra seus agradecimentos e estima nas palavras de Browning: “Aceita, meu amor, ao livro e a mim juntos”.

1

A IGREJA – UMA COMUNIDADE EM ADORAÇÃO

A descrição da igreja cristã como “povo de Deus” traz em si conotações relativas à nossa redenção e ao nosso destino. Deus nos declarou seus, tornou-nos propriedade sua e nos investiu de grande dignidade. Três passagens do apóstolo Paulo tratam desses temas:

... também nos elegeu nele [no Senhor Jesus Cristo], antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou para si mesmo, segundo a boa determinação de sua vontade, para sermos filhos adotivos por meio de Cristo. [...] Nele também fomos feitos herança, predestinados [...], a fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo. Nele, também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa (Ef 1.4,5,11-13).

Ou não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Pois fostes comprados por preço; por isso, glorificai a Deus no vosso corpo (1Co 6.19,20).

Mas falamos do mistério da sabedoria de Deus, que esteve oculto, o qual Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória (1Co 2.7).

Se tivéssemos de sintetizar esses versículos em uma frase, diríamos: “Já não pertencemos a nós mesmos; somos povo escolhido do Senhor”. O povo de Deus dirige-se a seu Senhor e Criador nas seguintes palavras: “Foi ele quem nos fez, e dele somos; somos seu povo e rebanho que ele pastoreia” (Sl 100.3). Pelos vínculos da eleição eterna, da criação do mundo físico, da redenção de Cristo e da resposta pessoal ao chamado do Evangelho, pertencemos a ele. Tudo isso encontramos em 1Pedro 2.9,10.

Essa, porém, é apenas parte da história da atividade salvífica de Deus. Por isso é importante examinar toda a carta do apóstolo Pedro e não apenas esses dois versículos do capítulo 2. A igreja, como eles nos mostra, é um templo espiritual, construído para a glória de Deus e para a adoração a ele (v. 5). É sacerdócio santo, com o propósito de oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus mediante Jesus Cristo (v. 5). Como parceira do antigo Israel dentro dos limites da aliança única da graça, a igreja é formada pelo chamado do próprio Deus, a fim de anunciar “as grandezas daquele que [... a] chamou das trevas para sua maravilhosa luz”. Enfim, Deus conclamou a igreja de Cristo à existência com a finalidade de ser *uma comunidade adoradora*. Esse fato servirá de alicerce para os nossos estudos.

Definindo o vocábulo “adoração”

“Adoração” é uma palavra vinculada às honrarias devidas à nobreza. Analisando o moderno vocábulo *adoração*, vemos que ele se origina do latim *adoratio* (*-onis*), formado a partir da junção do prefixo *ad-* com o vocábulo *oratio*, “fala”, “discurso”, “oração”. Na raiz de *oratio*, está a palavra latina *os* (*oris*), que significa “boca”, o que mostra que *adoratio* se refere, portanto, a “um discurso, uma elocução, algo que se profere a favor de (*ad-*) alguém, em prol de alguém”. Alguns já a relacionaram com o hábito romano de beijar a mão de pessoas a quem se devia o mais devotado respeito. *Adoratio* vincula-se ao verbo *adorare*, que significa “prestar culto a divindade”, “ter por divindade”, “cultuar”, “idolatrar”. Por extensão,

A igreja é uma comunidade de adoradores. O crescente reconhecimento desse fato entre cristãos de todas as denominações tem fomentado um renovado interesse nas várias facetas da adoração.

Com base nas Escrituras, esta obra mostra como os cristãos primitivos adoravam a Deus. Oferece, assim, orientações para todos os que hoje querem adorar de modo autêntico e genuíno, abertos às inovações, mas sempre ancorados nos princípios bíblicos: Deus é vivo, santo, gracioso e singular; ele dá dons espirituais aos crentes; ele espera da parte de seu povo reunido honra e louvor que brotam do fundo do coração. Os primeiros cristãos incluíram vários elementos em seus tributos de gratidão ao Deus vivo, refletindo sua herança judaica e também fazendo jus a sua crença em Jesus Cristo como o Messias prometido. As orações e os louvores, os cânticos, os credos e as confissões, a pregação, as ofertas e os sacramentos eram todos aspectos fundamentais da adoração cristã primitiva e são aqui examinados.

A adoração diz respeito a todo cristão. Pastores ou ministros de adoração, grupos de louvor e aqueles que estão no banco das igrejas — todos se beneficiarão dessa apresentação lúcida que mostra por que os crentes fazem o que fazem quando se reúnem para adorar.

Ralph P. Martin foi um destacado catedrático de Novo Testamento pelo Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, na Califórnia (EUA). Graduou-se com PhD pela Universidade de Londres e é o autor de inúmeros livros e artigos sobre Novo Testamento voltados para públicos tanto especializados quanto leigos.